



EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RESISTÊNCIAS E TRANSGRESSÕES NA PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA¹

Daniel Teixeira Maldonado,
Instituto Federal de São Paulo (IFSP)
Marcos Garcia Neira,
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

O objetivo desse estudo foi compreender os temas culturais que fazem parte da prática político-pedagógica dos professores de Educação Física que resistem às políticas neoliberais. Foram analisados relatos publicados entre 2009 e 2019, em 12 periódicos e 25 livros. Observou-se que os docentes organizam as suas aulas valorizando projetos de ensino, planejamento participativo e temas relacionados com os marcadores sociais de raça, classe, gênero e saúde que atravessam as práticas corporais e o corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar; Prática Político-Pedagógica; Transgressões; Ecologia de Saberes.

INTRODUÇÃO

As reformas neoliberais que submetem os sistemas educativos brasileiros há muitas décadas têm considerado, de forma uniforme, o significado de qualidade educacional, avaliação e aprendizagem, principalmente na criação de parâmetros para todos esses aspectos, como se as experiências que acontecem na escola pudessem sempre ser mensuráveis. Nesse contexto, aprender significa receber informações e saber utilizá-las em algum momento, reduzindo o ensinar a uma receita, onde os professores e professoras devem saber como trabalhar com um repertório diversificado de técnicas para atingir os objetivos educacionais, fortalecendo um processo de educação bancária (GADOTTI, 2006).

Na maioria dos países em que as políticas neoliberais avançaram, a função social da educação vem sendo produzida com a lógica de desenvolvimento de competências e habilidades com vistas a prover o mínimo de conhecimentos considerados essenciais com a perspectiva de formar uma força de trabalho que atenda aos interesses econômicos das classes dominantes, adaptando-se aos ditames do mercado. Esses padrões educacionais devem ser

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.





atingidos por um mecanismo nacional de gestão, pautado por indicadores específicos, com base em testes que gerem tabelas de classificação das escolas, estabelecendo padrões de referências nacionais (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016).

Em muitos contextos educativos, o discurso oficial da Educação Física não escapou dos pressupostos epistemológicos dessa política educativa neoliberal. Neira (2007) aponta que o componente curricular, durante o seu processo histórico, expressou objetivos vinculados com a eugenia, a preparação de corpos ordeiros e saudáveis para o trabalho, a preparação militar, a formação de talentos esportivos, a promoção da saúde e o desenvolvimento de habilidades motoras e funções psicomotoras, proporcionando uma prática pedagógica instrumental e isolada das demais disciplinas.

Com a intencionalidade de resistir e combater as desigualdades produzidas pelo sistema neoliberal vigente, autores e autoras da Educação Física organizam a sua produção acadêmica tomando como referencial a fundamentação teórica do campo da educação, passando a referenciar em suas obras a pedagogia libertadora de Paulo Freire, histórico-crítica e crítico-social dos conteúdos de Demerval Saviani e José Carlos Libâneo, respectivamente, e nas pedagogias pós-críticas em educação, principalmente nos estudos culturais, multiculturalismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo (MALDONADO, 2020; NEIRA, 2018).

O avanço desse debate para o cotidiano da escola é o que fomentou o objetivo da presente pesquisa, qual seja, compreender os temas culturais que fazem parte das práticas político-pedagógicas dos professores e das professoras de Educação Física que resistem aos ditames das políticas públicas educativas neoliberais, a partir das experiências publicadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método foi organizado em diálogo com Meyer e Paraíso (2014), de acordo com a subjetividade do pesquisador em fazer perguntas, interrogar, construir problemas de pesquisa e organizar um conjunto de procedimentos para a produção de informações, de acordo com uma estratégia de descrição e análise.

Analisamos relatos de experiências publicados entre os anos 2009 e 2019, em 12 periódicos científicos indexados no *qualis* da Educação Física ou da Educação, que possuem no seu escopo a intencionalidade de publicar a estruturação do trabalho pedagógico docente,





além de 25 livros que apresentam capítulos relacionados com o cotidiano do componente curricular

Na busca realizada nos periódicos científicos, foram lidos todos os números da última década e selecionados os artigos que relatam experiências pedagógicas na Educação Física. O procedimento adotado para os livros foi bem semelhante, já que todos os capítulos dessas obras eram observados e apenas os relatos de prática foram separados para a análise.

Os registros docentes foram submetidos à análise cultural (WORTMANN, 2007). Os pesquisadores e pesquisadoras que utilizam esse tipo de análise estão interessados/as em lidar com as práticas e os produtos da cultura, produzindo novas histórias assumidamente parciais, incompletas e sem nenhum tipo de neutralidade.

No diálogo com Wortmann (2007), foi conduzido um processo investigativo amplo, onde se assumiu o compromisso de examinar as práticas culturais a partir do seu envolvimento com e no interior das relações de poder, teorizando e capturando as múltiplas determinações e inter-relações das forças históricas e das formas culturais, garimpando os significados das experiências produzidas pelos professores e professoras de Educação Física.

PRÁTICAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS TRANSGRESSORAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As 245 experiências educativas identificadas, muitas vezes apagadas e invisibilizadas por conta do pensamento abissal ocidental moderno (SOUSA SANTOS, 2020), são fruto da interpretação, negociação, tradução e produção da prática político-pedagógica de educadores e educadoras de Educação Física que organizam as suas ações didáticas a partir de seis temas culturais: a organização de projetos e trabalhos interdisciplinares de acordo com o projeto político-pedagógico da escola; o planejamento das atividades de ensino de forma participativa, onde os alunos e alunas também se engajam no processo educativo; a análise das desigualdades socioeconômicas que perpassam as práticas corporais com intencionalidade de buscar a justiça social; a promoção de uma educação antirracista, desenvolvendo temas nas aulas que envolvem a história e a cultura das manifestações da cultura corporal de matriz africana e indígena, além da valorização da cultura negra representada nas práticas corporais; o combate contra a discriminação de gênero, problematizando com os/as estudantes o preconceito contra as mulheres e a população LGBTQI+ nas danças, lutas, ginásticas,





esportes, jogos e brincadeiras; além da estruturação de debates fundamentados pelas relações entre corpo, saúde e práticas corporais que superam os determinantes biológicos.

Constatou-se que os/as docentes de Educação Física começam a planejar as suas atividades de ensino na perspectiva do pensamento pós-abissal, defendido por Sousa Santos (2020). Esse tipo de pensamento reconhece a exclusão social no seu sentido mais amplo, além de considerar que enquanto as desigualdades existirem, não será possível a criação de um sistema político-econômico pós-capitalista progressista. Ele também confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, porque reconhece a pluralidade de conhecimentos heterogêneos existentes no mundo (sendo um deles a ciência moderna) e as interações sustentáveis, dinâmicas e contraditórias entre eles. Assim, todos os saberes produzidos por pessoas com uma visão de mundo que promove a resistência aos ideais do neoliberalismo global podem ser utilizados, fortalecendo uma ecologia de saberes contra-hegemônicos.

Nessa conjuntura, no conjunto dos relatos de experiência das aulas de Educação Física analisados, os professores e professoras criam formas de resistir à lógica neoliberal. Arroyo (2013) aponta que transgredir foi a saída encontrada pelos educadores e educadoras para não sucumbir ao legalismo autoritário, controle curricular e ao tratamento infantilizado que eles e elas têm recebido nas últimas décadas, principalmente quando esse pacote de educação utilitarista avançou.

Existe um embate no cotidiano escolar entre, de um lado, uma concepção de Educação Básica tecnicista, fria, regida pelos discursos da neutralidade do mercado, além de normatizada e regulada e, de outro, as transgressões pedagógicas coletivas produzidas pela comunidade escolar, com o intuito de driblar, nas brechas deixadas pelo sistema, essa visão reducionista das relações pedagógicas (ARROYO, 2013).

Se considerarmos as marcas e características da ação educativa transgressora e de resistência presente nos relatos de experiência analisados, é possível afirmar que, contrariando enunciados conformistas que atribuem aos docentes comportamentos acrílicos e submissos, nos últimos dez anos, em diferentes escolas brasileiras, professores e professoras de Educação Física não sucumbiram às tentativas de racionalização empresarial do sistema educacional e produziram outras formas de ensinar e fazer a Educação Física.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência contra o poder da ideologia neoliberal na educação, que considera a pedagogia como uma forma de resolver os problemas de natureza técnica ou dificuldades burocráticas, deixando de lado as questões sociais e políticas que integram a prática educativa, considerada neutra e com função social de promover um saber técnico para os/as estudantes adentrarem no mundo do trabalho (FREIRE, 1995), somente se faz possível quando os professores e as professoras assumem uma pedagogia engajada na sua prática político-pedagógica (HOOKS, 2017).

A pedagogia engajada acontece quando os/as docentes têm coragem de transgredir as fronteiras que consideram a sala de aula como um espaço onde os alunos e as alunas lidam com os conhecimentos sistematizados como se fossem uma linha de produção, desafiando o sistema da educação bancária (HOOKS, 2017).

Assumir, de forma engajada, uma pedagogia que estimula a participação dos alunos e alunas, além de encorajá-los a transgredir as fronteiras raciais, sexuais e de classe que perpassam as práticas corporais e o corpo, os professoras e as professoras de Educação Física que publicaram as experiências político-pedagógicas analisadas borram o pensamento abissal e resistem ao discurso fatalista que aponta a aceitação de todas as desigualdades sociais impostas pelo sistema neoliberal como se não houvesse outra forma de construir um mundo mais digno e justo para todos e todas.

Um projeto que visou a conquista do pensamento pós-abissal esteve em andamento na última década no campo da Educação Física. Entre transgressões e resistências, ele pode continuar existindo nos próximos anos.





PHYSICAL EDUCATION IN BASIC EDUCATION: RESISTANCE AND TRANSGRESSION IN POLITICAL-PEDAGOGICAL PRACTICE

ABSTRACT

The aim of this study was to understand the cultural themes that are part of the political-pedagogical practice of Physical Education teachers who resist neoliberal policies. Reports published between 2009 and 2019 in 12 journals and 25 books were analyzed. Teachers organize their classes valuing teaching projects, participatory planning and themes related to the social markers of race, class, gender and health that cross body and body practices.

KEYWORDS: *School Physical Education; Political-Pedagogical Practice; Transgressions; Knowledge Ecology.*

EDUCACIÓN FÍSICA EN EDUCACIÓN BÁSICA: RESISTENCIA Y TRANSGRESIÓN EN LA PRÁCTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue comprender los temas culturales que forman parte de la práctica político-pedagógica de los docentes de Educación Física. Se analizaron los informes publicados entre 2009 y 2019 en 12 revistas y 25 libros. Los docentes organizan sus clases valorando los proyectos didácticos, la planificación participativa y los temas relacionados con los marcadores sociales de raza, clase, género y salud que atraviesan las prácticas corporales y el cuerpo.

PALABRAS CLAVES: *Educación Física Escolar; Práctica Político-Pedagógica; Transgresiones; Ecología del Conocimiento.*

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BALL, Stephen; MEGUIRE, Meg; BRAUN, Annete. **Como as escolas fazem as políticas: atuação em escolas secundárias**. Ponta Grossa: UEPG, 2016.
- FREIRE, Paulo. **À sombra dessa mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- GADOTTI, Moacir. Educação e globalização neoliberal: um olhar a partir da América Latina. **Educação & Linguagem**. Ano 9, n. 13, p. 62-78, 2006.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.





XXII CONBRACE
IX CONICE | 2021
12 a 17 de Setembro

EDUCAÇÃO FÍSICA E
CIÊNCIAS DO ESPORTE
NO TEMPO PRESENTE:
DEFENDER VIDAS.
AFIRMAR AS CIÊNCIAS

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2020.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos as nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

NEIRA, Marcos Garcia. **Ensino de educação física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. Jundiaí: Paco, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.

